

COCHLOSPERMUM REGIUM (MART. & SCHRANK) PILGER - BIXACEAE**Germano Guarim Neto¹**

RESUMO – O autor apresenta dados gerais referentes à *Cochlospermum regium* (Mart. & Schrank) Pilger da família Bixaceae uma planta característica do bioma cerrado. É uma espécie usada na medicina popular e com possibilidades ornamentais pela beleza de suas flores amarelas vistosas.

Palavras-chave: algodão-do-campo, cerrado, dados gerais.

ABSTRACT - The author presents general data on *Cochlospermum regium* (Mart & Schrank) Pilger of the family Bixaceae a characteristic plant of the cerrado biome. It's a species used in folk medicine and ornamental possibilities for the beauty of its bright yellow flowers.

Key words: algodão-do-campo, cerrado, general data .

Instituto de Biociências - Depto. de Botânica e Ecologia. Universidade Federal de Mato Grosso. Av. Fernando Corrêa da Costa, 3367, Boa Esperança. 78060-900 – Cuiabá – MT. Grupos de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica – FLOVET. guarim@ufmt.br

INTRODUÇÃO

Nomes populares: algodão-do-campo; algodãozinho; algodão-do-mato, algodãozinho-do-cerrado. No Ceará também é conhecida por pacotê (Matos, 1999). Segundo UCA (2002), em guarani recebe as denominações de mandyyura e mandyju-i.

Nome científico: *Cochlospermum regium* (Mart. & Schrank) Pilger (Figuras 1, 2).

Sinonímias botânicas: *Maximilinae regia* Schrank; *Maximilinae regia* var. *glaberrima* Chodat & Hassler; *Cochlospermum insigne* A. St. Hil.; *Cochlospermum insigne* var. *matogrossense* Pilger; *Cochlospermum insigne* var. *pohlianum* Eichler; *Cochlospermum trilobium* Standl. (UCA, 2002).

Família: Bixaceae (In: BIXACEAE, 2016). (Antiga Cochlospermaceae).

Descrição da espécie: Arbustos de até 4,0m de altura, com profundas ramificações subterrâneas, córtex avermelhado, ramos cilíndricos, células secretoras com conteúdo vermelho-amarelado distribuídas no córtex e nas folhas. Folhas simples, alternas, tri a pentalobadas, lobos obovados, também ovado-oblongos, acuminados, cerca de 7,5cm de comprimento por até 10,0cm de largura, margem levemente crenada, também serreada, pecíolo cilíndrico, até 4,5cm de comprimento, com estípulas cuneadas. Inflorescência terminal, paniculada, em geral com até 15 flores, amarelo-douradas, vistosas, hermafroditas, polistêmones, pentâmeras, diclamídeas, pediceladas, pedicelos articulados na base. Cálice dialissépalo, levemente avermelhado, pouco tomentoso, sépalas desiguais entre si. Corola dialipétala, pétalas amarelas, algumas vezes com estrias avermelhadas na face interna. Androceu constituído de muitos estames, dialistêmones, plurisseriados, voltados para o centro da corola, filetes cilíndricos, anteras poricidas, linear-oblongas, também curvas. Gineceu de ovário único, súpero, globoso, tomentoso, unilocular, com 3-5 placentas parietais, salientes, formando falsos septos basais ou apicais, estilete colunar, óvulos anátropos, numerosos, plusseriados, estigma capitado. Fruto capsular, loculicida, oblongo, com 3-5 valvas eretas, alternadas com lâminas papiráceas do endocarpo, dissociadas do epicarpo, seco quando maduro, deiscente. Sementes reniformes, de testa lisa, crustácea, numerosas, castanho-escuras, densamente tomentosas, pêlos alvos, sedosos, longos (FERRI, 1969; BARROSO, 1978, LATURNER, 1992; RIBEIRO, 1998, GUARIM NETO, 2005).

Habitat: preferentemente em região de cerrado (BIXACEAE, 2016), atingindo até as bordas do pantanal (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Aspecto das flores de *Cochlospermum regium* no ambiente natural de cerrado após a queimada (Foto: Arquivo Flovet, 2016).



Figura 2. Aspecto do fruto e sementes de *Cochlospermum regium* no ambiente natural de cerrado (Foto: Arquivo Flovet, 2016).



Distribuição geográfica: distribui-se isoladamente ou, como é mais comum em densas populações facilmente reconhecíveis. É comumente citada para a flora do cerrado brasileiro, tanto nas áreas centrais como nas ilhas de cerrado que ocorrem em outras regiões. Há indicadores que apontam sua distribuição fora dos limites brasileiros.

Aspectos ecológicos: as populações de *C. regium* são bastante densas, onde praticamente é difícil distinguir um indivíduo isolado, uma vez que o rebrotamento é eficiente, diversificando-se em várias ramificações emitidas a partir das estruturas subterrâneas. Responde bem mesmo em áreas perturbadas, onde consegue crescer e desenvolver folhas, flores e frutos. Kirizawa (1981) realizou extenso estudo versando sobre o conhecimento morfo-ecológico e do desenvolvimento dos órgãos vegetativos e reprodutivos desta planta, fornecendo informações que contemplam uma lacuna que existia até então sobre a mesma.

Fenologia e biologia reprodutiva: a espécie tem o ciclo biológico bem definido, apresentando-se em diferentes estádios de desenvolvimento, dependendo do período do ano. Floresce entre os meses de maio-julho, frutificando logo após a intensa caducidade foliar, estando com os frutos maduros a partir de agosto-setembro. Segundo Pott; Pott (1994) sobrevive à derrubada no cerrado, nas leiras. Em observações de campo, quando da passagem do fogo anual no cerrado, a espécie está completamente despida da folhagem e, logo em seguida floresce, com a planta ainda enegrecida pelo fogo recente. Rebrotar facilmente a partir das estruturas subterrâneas que em geral não são atingidas pelo impacto do fogo. Noronha; Gottsberger (1980), realizando estudos sobre a polinização da espécie, constataram que as flores amarelas exalam um odor suave, emitido pelas margens das pétalas, sendo visitadas exclusivamente por abelhas (*Xylocopa*, *Bombus*, *Centris*).

Etnobotânica: os dados que se encontram sobre estudos em comunidades humanas, em áreas de cerrado do Brasil, sempre apontam o uso tradicional da mesma na medicina popular. A espécie é validada como medicinal pelas populações que a utilizam (GUARIM NETO; MORAIS, 2003), sendo que os dados da literatura e de campo registram as seguintes informações: a raiz é colocada em vinho branco, utilizada para inflamações uterinas; o chá da raiz, preparado juntamente com a entrecasca de barbatimão e de jatobá é usado como regulador menstrual; o pó da raiz, adicionando água é usado como antidiarreico (RIBEIRO, 1998). Siqueira (1981) informa que a raiz é purgativa; Guarim Neto (1987, 1996) informa que o chá preparado com a casca é usado como depurativo do sangue. Pott; Pott (1994) apontam que a raiz é usada como purgativa, contra albumina na urina. A espécie é colocada na lista de plantas com potencial ornamental (GUARIM NETO, 1986; POTT; POTT, 1994; GUARIM NETO; MORAIS, 2003) devido à beleza das suas flores e intensa floração. As sementes contêm um óleo irritante (CORRÊA, 1926). A casa é usada nos problemas de reumatismo e prisão de ventre (MATOS, 1999).

Parte usada: na medicina popular, raízes e cascas.

Forma de exploração atual: até o momento, pelo que se tem observado e mesmo pela análise da literatura, a forma mais comum é o extrativismo tradicional, onde a planta é retirada diretamente do ambiente, sendo comercializada em bancas de raizeiros (feiras livres, centros comerciais) ou em pequenas lojas de ervanários. O sistema de manejo deve priorizar a ocorrência natural da espécie em populações e as interferências que uma provável superexploração possa acarretar, comprometendo a presença da planta em ambiente natural.

Informações sobre cultivo: Sales (2001) estudou a germinação da espécie, com as sementes passando pelo processo de escarificação em ácido sulfúrico (120 minutos),

embebição em água destilada (24 horas), e verificou que em presença de luz vermelha ocorria uma maior taxa de germinação. Entretanto, pelas análises dos frutos, pode-se perceber que as sementes são produzidas em quantidades significativas, sendo que estas podem ser disponibilizadas para a formação de um banco de sementes com finalidade de iniciar a produção de mudas e conseqüentemente o cultivo da espécie.

Caracterização fitoquímica e farmacológica: Toledo et al. (2000) mostram interessantes resultados sobre a toxicidade de partes subterrâneas da planta testadas em pequenos animais. Por outro lado, Castro (2000) estudou um flavonóide extraído dos rizomas do algodãozinho e os mecanismos envolvidos nos efeitos.

Cadeia produtiva: o produto da planta usado pela população é oferecido durante todo o ano, tendo um consumo médio, se consideradas outras espécies com maior procura. Em geral é um intermediário (coletor) que busca a planta no cerrado e suas partes são comercializadas de maneira simples, muitas vezes em pequenos sacos plásticos ou mesmo de papel. O consumidor em geral vem das camadas da população economicamente menos favorecida e o mercado interno é o local.

Importância social: a planta oferece muitas oportunidades para geração de emprego e renda em comunidades, especialmente se considerar a espécie como um potencial agregado à agricultura familiar. Pode ser também implementada na indústria de fitoterápicos, o que certamente é bastante promissor na cadeia produtiva para a espécie. A isso alia-se o fato de ser também extremamente ornamental.

Diversidade genética: a manutenção da diversidade genética deve ser obrigatoriamente levada em consideração, especialmente neste momento em que a variabilidade das espécies assume um papel de importância fundamental para a conservação da biodiversidade, nos pressupostos de uma proteção legal para os organismos que compõem a rede da diversidade nos trópicos, aliando-se aos demais fatores ambientais.

Deve ser entendido que nenhuma espécie sobrevive sozinha, a interdependência das condições ambientais e das relações ecológicas manifestas é basilar para a manutenção das condições de sobrevivência da diversidade biológica, da sua conservação, quer *in* ou *ex situ*.

Conservação: necessita de ações para a sua conservação *in* e *ex situ*, principalmente porque a parte da planta mais utilizada na medicina tradicional é a raiz, sendo a planta retirada do seu ambiente natural em qualquer fase do seu ciclo biológico. No Paraná, desde 1995, a espécie consta da lista das plantas ameaçadas de extinção.

Referências bibliográficas:

BARROSO, G. M. *Sistemática de angiospermas do Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo. LTC/EDUSP. Vol. 1. 1978.

BIXACEAE. In: Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB27545>>. Acesso em: 27 Jul. 2016

CASTRO, M. S. A. *Mecanismos envolvidos no efeito antinociceptivo do 3-O glicosil - dihidrocanferol, flavonóide extrapido dos rizomas de Cochlospermum regium (algodãozinho)*. São Paulo. UFSP/Esc. Paulista de Medicina. Tese de Doutorado. 2000.

CORRÊA, M. P. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Vol. 1. 1926.

FERRI, M. G. *Plantas do Brasil – espécies do cerrado*. São Paulo: Edgard Blücher, 1969.

GUARIM NETO, G. Plantas ornamentais de Mato Grosso. *Boletim FBCN*, 21:105-115. 1986.

GUARIM NETO, G. *Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso*. Brasília: MCT/CNPq, 1987.

GUARIM NETO, G. *Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso*. Brasília: ABEAS, 1996.

GUARIM NETO, G. *Cochlospermum regium* (Mart. & Schrank) Pilger – Cochlospermaceae. Preparado originalmente para compor o *Portfólio das Espécies de*

Plantas Medicinais do Centro Oeste (Plantas do Futuro). Brasília: EMBRAPA/IBAMA, 2005.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Plantas medicinais com potencial ornamental: um estudo no cerrado de Mato Grosso. *Rev. Bras. Hortic. Ornam.* 9(1):89-97. 2003.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. *Acta bot. Bras.* 17(4):561-584. 2003.

KIRIZAWA, M. *Contribuição ao conhecimento morfo-ecológico e do desenvolvimento dos órgãos vegetativos e de reprodução de Cochlospermum regium (Mart. & Schr.) Pilger – Cochlospermaceae*. São Paulo. USP. Tese de Doutorado em Ciências Biológicas/Botânica. 1981.

LATURNER, N. *Estudo morfológico e taxonômico de espécies da flora mato-grossense*. Cuiabá. IB/UFMT. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Biologia. 1992.

MATOS, F. J. de A. *Plantas da medicina popular do nordeste: propriedades atribuídas e confirmadas*. Fortaleza: UFC Edições, 1999.

NORONHA, M. R. P.; GOTTSBERGER, G. A polinização de *Aspilia floribunda* (Asteraceae) e *Cochlospermum regium* (Cochlospermaceae) e a relação das abelhas visitantes com outras plantas do cerrado de Botucatu, Estado de São Paulo. *Revta. Brasil. Bot.* 3(1/2):67-77. 1980.

POTT, A. & POTT, V. J. *Plantas do pantanal*. Brasília: EMBRAPA, 1994.

RIBEIRO, S. S. *Plantas do cerrado utilizadas pelas comunidades da região do Grande Sertão Veredas*. Brasília: Funatura, 1998.

SALES, D. M. *Efeitos de ácido sulfúrico, luz, temperatura e substratos na emergência de Cochlospermum regium (Mart. & Schr.) Pilger*. Cuiabá. FAMEV. Dissertação de Mestrado. 2001.

SIQUEIRA, J. C. *Utilização popular de plantas do cerrado*. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.

TOLEDO, M. I., SIQUEIRA, J. M., ARAÚJO, L. C.; OGA, S. Acute and subacute toxicity of *Cochlospermum regium* (Mart. & Schr.) Pilger. *Phytother. Res.*, 14(5):359-361. 2000. Disponível em www.ncbi.nlm.gov/. Acessado em 29/08/2005.

UCA – Suplemento Antropológico. Revista del Centro de Estudios Antropológicos. 2002. Disponível em www.quanta.net.py/guarani/html. Acessado em 29/08/2005.